

Luteranismo hoje, de Harding Meyer, foram reunidos para formar o excelente volume que recebeu o título do segundo trabalho nele inserto. Excelente, sob todos os aspectos, pois, além de implicar numa verdadeira revisão do ponto-de-vista católico sobre a Reforma protestante do século XVI (a exemplo de outros trabalhos que já tem sido divulgados pela mesma editôra), implica, também, numa nova abordagem histórica em torno do importante movimento idéias, que cindiu o Cristianismo ocidental, uma cisão que, certamente, teria sido evitada se tivesse havido, na época, um pouco mais de compreensão de ambas as partes. Felizmente, caminha-se, agora, para essa compreensão, como o prova, principalmente, o terceiro capítulo do ensaio de Harding Meyer, intitulado “Evolução das opiniões acêrca de Lutero, na teologia e historiografia católico-romanas”. Constitui êste livro excelente complemento ao *Lutero visto pelos católicos*, de Johannes Hessen e ao *Lutero 450 anos depois...*, de Breno Schuman e Jerônimo Jerkovic, êste último editado, também, pela importante editôra petropolitana. Quanto ao primeiro, só é disponível em edição portuguesa (Coimbra, Armênio Amado, 1951, Coleção “Studium”).

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

RODRIGUES (José Honório). — *Teoria da História do Brasil* (Introdução Metodológica). 3ª edição. Coleção Brasileira. Série Grande Formato. Volume 11. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1969.

Essa nova edição da *Teoria da História do Brasil*, aparece com algumas modificações e novas informações, mantendo contudo, a estrutura da edição de 1957. A preocupação essencial da obra, já constante na 1ª edição de 1949, mantém-se no estudo da história, seu ensino e método de pesquisa, constituindo portanto, uma tentativa de abranger os aspectos filosófico e metodológico da questão. O original de suas proposições é a aplicabilidade do conteúdo do livro, “tôda uma teoria e metodologia” ao estudo e pesquisa de história do Brasil.

José Honório Rodrigues é bastante categórico quando nega a possibilidade de um tratamento ingênuo do material histórico e esclarece, “a teoria da história do Brasil nasceu do desejo de colocar ao lado da problemática metodológica a problemática teórica, na convicção de que há sempre uma posição, consciente ou inconsciente, uma teoria, uma filosofia, assumida pelo historiador em face da história concreta” (pág. 440).

Seu trabalho, bastante conhecido pelos que se interessam pelos problemas da abordagem histórica, apresenta algumas colocações dignas de ênfase devido sua atualidade ineludível. Entre elas a da persistência “dos historiadores que conservam-se extremamente ligados à paixão da Europa histórica”, fornecendo em seus estudos uma visão distorcida do presente. Assim, “essa história europeizante nos conduz a confundir perigosamente a atual distribuição do poder e das forças que agem no mundo em que vivemos e nos inocula um falso senso de continuidade contra o qual a experiência se rebela” (págs. 29 e 30).

Explicitando seu ponto de vista, o Autor afirma que “a União Soviética e os Estados Unidos, os dois gigantes do poder, os dois construtores maiores da história presente e da criação do futuro, não recebem nas histórias gerais o tratamento equivalente, portanto, elas não nos estão preparando para a emergência do

mundo em que vivemos e não nos oferecem nada para a compreensão do presente”. Mais adiante êle adverte que, “continuar ignorando que a Rússia é hoje um sexto da superfície terrestre e que é incontestavelmente uma das duas maiores forças políticas do mundo; ignorar o nascimento da China Comunista, da liberdade e independência da Índia, da libertação nacional de várias antigas colônias européas do Oriente e da África para continuar focalizando especialmente o poder da Europa, a europeização do mundo, significa desservir a história e o presente” (pág. 30).

Abordando o problema da história do Brasil escrita por brasileiros, José Honório Rodrigues, fala sobre o desânimo dos que aqui têm possibilidades de escrevê-la e “consideram-na impraticável” deixando que estudiosos norte-americanos e soviéticos tratem do assunto por nós. Lembra ainda, que os que se dedicam a nossa história, geralmente, fixam sua atenção no passado colonial, quando “o estudo da historiografia contemporânea constitui uma das principais tarefas da historiografia brasileira” (pág. 40).

Assim compreendida, essa reedição mostra a importância e a atualidade de sua análise e este aspecto é tanto mais significativo se lembrarmos que o trabalho foi redigido em 1956. Obra pioneira entre nós, a *Teoria da História do Brasil* (1949), compõe junto à *Pesquisa Histórica no Brasil* (1952) e à *História e Historiadores do Brasil* (1965), um tríptico de estudos superiores destinado a estudantes e pesquisadores.

Os dois capítulos finais, inseridos como apêndice, merecem especial destaque por constituírem a parte nova do livro e pelo caráter combativo assumido. O Autor se revela aí, um crítico agudo do processo de ensino da história. Essa análise contrasta bastante com o livro que desenvolve-se prêso a um caráter essencialmente didático e de introdução as diversas tarefas dos que se dedicam à história.

No Apêndice I “Método, teoria, historiografia e pesquisa, disciplinas universitárias”, volta a colocar questões abordadas nos capítulos anteriores e formula novas, tais como, a finalidade da história e a formação do historiador. Partindo de perguntas encontradas em cartazes afixados no Departamento de História da USP, em maio de 1968, o Autor procurou fixar alguns pontos que permitissem uma proposição de resposta.

A análise da questão — Qual a finalidade da história? — desenvolve-se a partir da posição inicial de que “os indivíduos como valores autônomos formam a vida e a história com seus fins, seus significados, e são em primeiro lugar forças atuantes e conscientes impregnadas de valores, forças que se relacionam com valores de utilidade, forças formadoras de fins”. Torna-se dessa maneira compreensível que “o mundo histórico esteja cheio de valores” (pág. 432).

Encaminha sua colocação lembrando que “as épocas caracterizam-se pelas tendências dominantes que as atravessam ou marcam”. Reconhecendo a grande utilidade da “descoberta de Marx sobre as relações funcionais de comportamento da estrutura da economia e da supraestrutura ideológica”, explicita, “no mundo histórico atuam paixões, sentimentos e ressentimentos, vinculados aos indivíduos, a sociedade e a economia, sendo assim que o processo histórico adquire fins. Surge então o círculo vicioso de uma sociedade que não tendo fins, não tendo autonomia moral econômica, não produz história, consome a história produzida pelos outros. E’ uma história reflexa, que some à história produzida pelos outros. E’ uma história reflexa que ao lado dos fins gerais que tôdas possuem, não fabrica seus fins próprios, capazes de acionar um desenvolvimento próprio. Aí está o sentido

da história, e captá-lo não é tarefa de cronistas ou antiquários, que recolhem fatos, datam a época, corrigem nomes, sem perceber o homem como ser histórico”. Completa sua concepção da finalidade da história afirmando que “a compreensão dêste todo significativo, valorativo do que se passou e se passa é o dever supremo do historiador” (pág. 432). E’ nesta perspectiva que êle vê também a formação do historiador.

No Apêndice II, o Autor continua dentro da mesma linha de pensamento tendo ainda em vista “O ensino superior da história e a reforma universitária”. Ao combater a cátedra e conseqüentemente, no caso específico da história, a ineficácia das grandes divisões do período histórico inerentes a essa estrutura de ensino, êle apresenta as vantagens da existência de cursos não vinculados a cadeiras e portanto mais elásticos, e conclui que, “quem aprende bem um pouco saberá sempre aprender mais em profundidade” (pág. 464).

Como última questão, José Honório Rodrigues lembra o desinteresse existente no Brasil por parte do govêrno, quanto a tarefa do historiador, tanto nas fases de paz como nas fases extraordinárias. E isto é tanto mais significativo quando “sabemos que nenhuma nação cresceu sem uma liderança consciente e esclarecida” (pág. 467). Aprofunda ainda mais sua colocação do problema universidade-participação na vida do país, advertindo que “o ponto importante, que torna política a questão, é que a reforma universitária exige a reforma social”. Concluindo, deixa-nos a pergunta: “se a sociedade permanece a mesma, com seus privilégios e seu consumo conspícuo para as elites, para que reformar o ensino?” (pág. 468).

M. STELLA M. BRESCIANI

* * *

*

RODRIGUES (José Honório). — *A Pesquisa Histórica no Brasil*. 2ª edição, Coleção Brasileira, Série Grande Formato, Vol. XX. Companhia Editôra Nacional. São Paulo. 1969.

A Pesquisa Histórica no Brasil (1ª edição 1952), a *Teoria da História do Brasil* (edições de 1949, 1957, 1967) e *História e Historiadores do Brasil* (editada em 1965) surgiram de um plano de trabalho elaborado por José Honório Rodrigues em 1949, que abrange uma série de estudos cuja finalidade é orientar o pesquisador de História sobre uma série de problemas de ordem metodológica ou prática que se colocam durante a elaboração do seu trabalho. *A Pesquisa Histórica no Brasil* é na presente edição um novo livro, atualizados e revistos os temas e conceitos nele apresentados. O Autor, conhecido como uma das maiores autoridades no que diz respeito ao conhecimento dos arquivos brasileiros, completa essa 2ª edição com indicações precisas de inúmeras publicações bibliográficas existentes sobre as fontes históricas brasileiras no território nacional e estrangeiro.

Considerando de início que a “pesquisa histórica é a descoberta cuidadosa, exaustiva e diligente de novos fatos históricos, a busca crítica da documentação que prove a existência dos mesmos, permita sua incorporação ao escrito histórico, ou a revisão e interpretação nova da História” e “deve obedecer aos princípios críticos da disciplina, às regras acumuladas pelo equipamento das chamadas ciências auxiliares” (pág. 21), o Autor coloca como premissa fundamental a caracterização do evento histórico, que aparece após uma discussão encaminhada para a